

**LIMITES E POTENCIALIDADES NA PESQUISA COM FOCO EM GRUPO
TERAPÊUTICO TRANSDISCIPLINAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

*LIMITS AND POTENTIALITIES IN RESEARCH FOCUSING ON A
TRANSDISCIPLINARY THERAPEUTIC GROUP: AN EXPERIMENTAL REPORT*

Recebido em: 08/06/2021

Aceito em: 18/08/2021

FERNANDA MARAFIGA WIETHAN¹

ADRIANA DIAS DE OLIVEIRA²

¹Fonoaudióloga, Mestre e Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana pela Universidade Federal de Santa Maria; Docente da Faculdade Integrada de Santa Maria junto ao curso de Psicologia, Rua José do Patrocínio, 26, CEP 97010-260, Santa Maria – RS, Brasil.

²Psicóloga pela Faculdade Integrada de Santa Maria, Santa Maria – RS, Brasil. E-mail: adrianadias.oli@gmail.com

Autora correspondente:

FERNANDA MARAFIGA WIETHAN

e-mail: fernanda_wiethan@yahoo.com.br

LIMITES E POTENCIALIDADES NA PESQUISA COM FOCO EM GRUPO TERAPÊUTICO TRANSDISCIPLINAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

LIMITS AND POTENTIALITIES IN RESEARCH FOCUSING ON A TRANSDISCIPLINARY THERAPEUTIC GROUP: AN EXPERIMENTAL REPORT

RESUMO

Objetivo: Descrever os efeitos da realização de um grupo terapêutico transdisciplinar, envolvendo a Psicologia e a Fonoaudiologia, destinada a uma criança com deficiência intelectual e sua família, bem como apresentar os aspectos burocráticos para a execução desse projeto de pesquisa em uma faculdade de pequeno porte. **Método:** foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva, com o relato de experiência do processo de tramitação do projeto até a execução dos grupos terapêuticos com uma criança com diagnóstico de deficiência intelectual e sua família, envolvendo profissionais e acadêmicas da Psicologia e da Fonoaudiologia. **Resultados:** Muitos desafios foram encontrados nesse percurso desde a elaboração do projeto até a captação dos participantes, entre eles o pouco engajamento da maioria das acadêmicas envolvidas e a interrupção do projeto devido à pandemia da COVID-19. Mesmo assim, alguns avanços foram percebidos na família, como busca por terapeuta ocupacional para auxiliar no caso e esforço para dar mais independência à criança. **Considerações finais:** Conclui-se que a pesquisa ainda é pouco valorizada no Brasil em diferentes instâncias e que a realização de grupos terapêuticos transdisciplinares parece ser uma estratégia promissora na melhora da dinâmica familiar, na comunicação e na independência das pessoas com deficiência intelectual.

Descritores: Pesquisa interdisciplinar; Psicologia; Fonoaudiologia; Deficiência intelectual; Processos grupais.

ABSTRACT

Aim: *The aim was to describe the effects of a transdisciplinary therapeutic group, including Psychology and Speech Pathology, with a child with an intellectual disability and her family. We also aimed to present the bureaucratic aspects faced to carry out this research in a small college.* **Method:** *Qualitative and descriptive research was conducted, with an experimental report on the whole project process and the implementation of therapeutic groups with a preteen diagnosed with intellectual disability and her family. The therapists were Psychology and Speech Therapy professionals and students.* **Results:** *Many challenges occurred in the process, such as: attracting participants, little engagement of students, and a project interruption due to the coronavirus pandemic. However, we were able to verify some progress; the family hired an occupational therapist to help them, for instance. They were also more engaged in promoting independence for the child.* **Conclusion:** *Research is underrated in Brazil, considering different places and situations. Implementing transdisciplinary groups can be a promising strategy for improving family relationships, communication, and independence of people with intellectual disabilities.*

Keywords: *Interdisciplinary Research; Psychology; Speech, Language and Hearing Sciences; intellectual disability; group processes.*

INTRODUÇÃO

Já há descrições na literatura a respeito de obstáculos na realização de pesquisas, seja no âmbito operacional/burocrático ou no metodológico. Barbosa e Boery (2010) relataram dificuldades variadas na implementação e no funcionamento dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) em Universidades Estaduais da Bahia, tais como demanda muito grande de projetos submetidos, pequena quantidade de funcionários, ou mesmo ausência de um CEP em algumas instituições. Já Kohlsdorf e Costa Jr (2009) descreveram limitações metodológicas mais específicas na realização de pesquisas na área da Psicologia da Saúde.

Outras autoras (PAULA, JORGE, MORAIS, 2019) encontraram, por meio de análise documental e entrevistas, um rol de dificuldades associadas à realização de pesquisa e disseminação do conhecimento em Saúde. Destacam-se os seguintes obstáculos: burocracia para entrada do pesquisador em campo; tempo de espera longo para aprovação pelo CEP; falta de acolhimento do pesquisador nos locais de coleta (no artigo em questão, tratava-se de ambientes relacionados aos serviços de saúde); recusa das pessoas a serem participantes do estudo e, sobretudo, falta de articulação das pesquisas com a prática, o que distancia os resultados obtidos de serem aplicados no cotidiano dos profissionais e gestores em saúde, que sequer tomam conhecimento sobre esses dados. Partindo para a temática do grupo realizado nesta pesquisa, é importante discutir alguns conceitos, como transdisciplinaridade, terapia em grupo, intervenção centrada na família e deficiência intelectual.

A transdisciplinaridade é um conceito já bastante difundido e discutido na área de Saúde Coletiva, embora ainda vista prioritariamente no contexto do Sistema Único de Saúde, sobretudo nos programas de Estratégia de Saúde da Família. Para Feriotti (2009), a concepção de saúde, baseada na perspectiva transdisciplinar visa superar o modelo centrado na doença, desenvolvendo estratégias que busquem qualidade de vida, cidadania e inclusão social, apoiando-se no princípio da integralidade da atenção.

Além da integração entre diferentes disciplinas, a transdisciplinaridade busca também o diálogo entre ciência, arte, cultura, tradição, religião, experiência interior e pensamento simbólico, reconhecendo a importância da subjetividade humana na produção do conhecimento (FERIOTTI, 2009). Neste sentido, o trabalho em grupos encaixa-se perfeitamente à proposta de transdisciplinaridade, uma vez que potencializa o compartilhamento de experiências, propiciando o debate acerca das alternativas para resolução de problemas, o que demanda a participação de todos por meio do compartilhamento de experiências, escuta e orientação. Ou seja, têm-se vários olhares direcionados a um problema em comum, sendo o grupo um contexto fomentador de transformação e uma ferramenta de mudança individual (MOREIRA, 2007). Outra vantagem da intervenção grupal é a redução de filas de espera para atendimento. Além disso, o fato de intervir com os acompanhantes faz com que eles sejam agentes ativos do processo terapêutico, também colaborando para a evolução dos indivíduos que estão sob seus cuidados (WIETHAN, SOUZA, KLINGER, 2010).

A abordagem centrada na família cumpre esse papel de colocar os acompanhantes como agentes ativos do processo. Como o próprio nome diz, visa a família como um todo e não somente a criança, capacitando-os e responsabilizando-os na busca por apoios e recursos conforme suas necessidades.

Essa intervenção exige modificações nos papéis desempenhados pelos profissionais e pelos familiares, que adotarão novas posturas que visem o aprendizado e o empoderamento da família (PEREIRA, 2009). O caso que será aqui apresentado envolve a família de uma criança com deficiência intelectual. Essa criança é classificada dentre os transtornos do neurodesenvolvimento no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (APA, 2014).

A deficiência intelectual caracteriza-se por déficits em capacidades como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência. Em muitos casos, o indivíduo não consegue atingir padrões de independência pessoal e responsabilidade social em um ou mais aspectos da vida diária, incluindo comunicação, participação social, funcionamento acadêmico ou profissional e independência pessoal em casa ou na comunidade (APA, 2014).

Diante disso, o papel da família é de extrema importância, como primeira base institucional da criança desde os seus primeiros dias de vida. Em seus primeiros anos, ela adquire conhecimento e valores que vão influenciá-la no seu desenvolvimento cognitivo, social, na aprendizagem e na sua personalidade.

A chegada de uma pessoa com deficiência intelectual numa família representa um momento regado de dúvidas, mudanças e confusão, pois o grupo familiar terá que se desfazer seus modelos de pensamento e criar conceitos que absorvam essa nova realidade da família (BATISTA, FRANÇA, 2007).

Com base no exposto, objetiva-se descrever os efeitos da realização de um grupo terapêutico transdisciplinar, envolvendo a Psicologia e a Fonoaudiologia, destinado a uma criança com deficiência intelectual e sua família, bem como apresentar os aspectos burocráticos para execução desse projeto de pesquisa em uma faculdade de pequeno porte.

METÓDO

A classificação da pesquisa configura-se como qualitativa e descritiva, trazendo um relato de experiência a partir de uma situação vivida pelas autoras ao realizar um estudo de intervenção com famílias. O caso faz parte de projeto aprovado pelo CEP da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sob o número 20084719.9.0000.5346.

A amostra foi de conveniência e contou com uma criança de 11 anos, a qual chamaremos pelo nome fictício Deise, sua irmã de 20 anos, aqui denominada Rebeca e a mãe de

ambas, com 46 anos, aqui denominada Simone. A criança assinou o termo de assentimento e as familiares assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, aceitando participar da pesquisa. Todas as etapas ocorreram na clínica escola de Psicologia de uma faculdade particular. Inicialmente, realizaram-se entrevista com os pais da criança, resgatando o desenvolvimento da criança, história familiar, medicamentos e intervenções realizadas.

A avaliação realizada com a criança foi composta por avaliação da consciência fonológica (CAPOVILLA, CAPOVILLA, 2000), da narrativa, dos aspectos fonéticos e fonológicos da fala, da práxis e da motricidade orofacial, bem como de um momento de associação livre. Em seguida, iniciaram-se os grupos terapêuticos, um com a família e um com a criança, os quais ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2019. Participaram duas acadêmicas de Psicologia em cada grupo e a fonoaudióloga participou de dois encontros com a criança e dois com a família, totalizando quatro encontros. A psicóloga acompanhou um encontro com a família e manteve-se atuante nos demais processos deste trabalho que corresponderam à supervisão das acadêmicas, ao planejamento das atividades e ao contato com possíveis participantes.

No período de férias da faculdade e durante o afastamento social imposto pela pandemia da COVID-19, a fonoaudióloga acompanhou a família periodicamente e, após impossibilidade de manter o projeto ativo, realizou-se reavaliação com a criança e aplicou-se questionário com a mãe e a irmã.

Realizou-se observação, descrição e registro das etapas realizadas até a conclusão do projeto para fins de reflexão, discussão e comparação com a literatura da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro entrave encontrado foi a dificuldade em encontrar um manual ou normativa da instituição indicando os trâmites para a realização do projeto. Pesquisadores iniciantes necessitam de maior suporte por parte das instituições a fim de conhecer os mecanismos para a realização de seus estudos. Atualmente, esse aspecto vem sendo mais bem trabalhado na instituição, com a oferta de um suporte maior e normativas mais claras para os pesquisadores. O próximo passo foi submeter o projeto à Plataforma Brasil, em que não foram encontradas dificuldades, já que as informações necessárias foram obtidas no *website* do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM (CEP - UFSM, 2019) e no Manual da Plataforma Brasil (BRASIL, 2018).

Ressalta-se que qualquer projeto envolvendo seres humanos deve passar pela apreciação de um CEP. Essa atuação, que educa os pesquisadores e fiscaliza as pesquisas, garante a manutenção dos direitos humanos como uma prerrogativa de todos os membros da sociedade (BATISTA, ANDRADE, BEZERRA, 2012). Menos de um mês após a submissão, a aprovação do projeto foi obtida.

Neste momento, um grupo de estudos com as professoras e quatro alunas já havia sido iniciado. De modo geral, houve baixo interesse pelo projeto e pouco comprometimento do grupo com as atividades. A falta de engajamento em atividades extracurriculares parece ser comum em faculdades particulares, conforme evidenciado por Bardagi e Boff (2010), em estudo com 231 formandos de 17 cursos. Desses alunos, 58,4% nunca participou e não tinha nenhuma atividade ligada ao curso no momento da pesquisa. Dentre os alunos que realizavam atividades, os estágios extracurriculares foram indicados como a atividade mais frequente (BARDAGI, BOFF, 2010).

O próximo desafio foi o contato com as escolas públicas e com os supervisores de estágio da própria faculdade. Em contato com os supervisores, apenas três professoras indicaram crianças que se encaixavam no perfil inicial proposto (crianças de 9 a 12 anos com dificuldade de fala/linguagem). Após contato com os familiares dessas crianças, nenhum aceitou participar. No contato com as escolas, algumas diretoras não demonstraram interesse pelo projeto e uma das escolas encaminhou muitas crianças que não se encaixavam no perfil descrito pelas pesquisadoras. Após essas respostas negativas, o projeto foi divulgado pelo setor de Marketing da faculdade via redes sociais.

Após dois meses de buscas no primeiro semestre do projeto, apenas três famílias compareceram para a entrevista inicial, das quais apenas uma permaneceu no grupo. As demais alegaram impossibilidade de comparecer semanalmente no horário marcado. A baixa procura pelo projeto e o não comparecimento das famílias contatadas evidencia o pouco comprometimento com o desenvolvimento infantil. Do ponto de vista das dificuldades de comunicação, a ocorrência de alterações de fala e linguagem na população infantil é alta (MOUSINHO et al., 2008; RABELO et al., 2011).

Assim, permaneceram no grupo apenas a família descrita na seção de Materiais e Métodos. Na entrevista inicial, na qual compareceram a mãe e o pai de Deise, eles relataram como queixa principal de linguagem “fala imatura, tom de voz baixo, dificuldade na pronúncia do /r/ e em relatar fatos com rapidez, além da demora em se alfabetizar”. Segundo os pais, Deise irrita-se e se sente frustrada quando precisa repetir alguma palavra, momentos em que eles procuram ser compreensivos.

Quanto à saúde, Deise apresentou muitas complicações após um ano de idade. Essas complicações se iniciaram com um cisto do Colédoco (Malformação anatômica congênita de um ducto biliar, incluindo a dilatação cística do ducto biliar extra-hepático ou do grande ducto biliar intra-hepático – DeCS, 2021). Houve complicações e a criança ficou em estado de coma, necessitando de internação por um longo período. Por volta de cinco anos de idade, ela começou a apresentar convulsões, para as quais é medicada. Apenas aos onze anos de idade, um neuropediatra solicitou exames de neuroimagem, no qual foi constatada uma lesão cerebral por acidente vascular encefálico e, então, recebeu o diagnóstico de deficiên-

cia intelectual. O sofrimento dos pais com a descoberta de algum tipo de deficiência nos filhos, pode causar uma estrutura disfuncional na família. O suporte psicológico torna-se fundamental para auxiliá-los com relação ao luto do filho idealizado, sonhado, desejado e o filho real, assim como na reorganização da construção de um ambiente familiar mais sensato (MITTLER, 2003). Deise frequenta a escola no turno da manhã e fica em casa sob os cuidados da irmã de 20 anos à tarde, enquanto os pais trabalham. Nos momentos livres, todos da família costumam ficar juntos em passeios e viagens. A escola que frequenta é municipal e ela tem bom convívio com colegas e professores. Porém, apresenta dificuldades no desempenho das tarefas e já repetiu um ano. Após o diagnóstico de deficiência intelectual, passou a ser acompanhada por educadora especial no horário de aula. Na ocasião da anamnese, frequentava atendimento fonoaudiológico e anteriormente frequentou psicoterapia por um curto período. Quanto às expectativas sobre o grupo, os pais esperavam que “estimulassem a filha”.

A avaliação da fala evidenciou trocas no fonema /r/ em todas as posições da sílaba e da palavra, o que já não é esperado aos onze anos de idade, já que a idade aproximada de aquisição do fonema por crianças residentes na mesma cidade é entre cinco e seis anos (WIETHAN, 2015). A avaliação das praxias e da motricidade orofacial não evidenciou alterações. No protocolo de consciência fonológica (CAPOVILLA, CAPOVILLA, 2000), ela conseguiu executar as habilidades de síntese e segmentação silábica sem dificuldades, já as habilidades de rima e aliteração, ela conseguiu executar com auxílio. Na transposição e manipulação silábica, acertou 50% e não conseguiu executar nenhuma tarefa em nível de fonema. A pesquisa de Capovilla e Capovilla (2000) com crianças que apresentam baixo desempenho na leitura, umas das queixas dos pais de Deise, mostra que o desenvolvimento da consciência fonológica auxilia no processo de alfabetização.

A narrativa envolvia uma sequência lógica com seis etapas, que deveriam ser ordenadas e, logo após, a história contada. Deise ordenou as imagens com facilidade e contou a história com frases curtas, porém de modo coerente e lógico. Uma das áreas que apresenta déficit nas pessoas com deficiência intelectual é a habilidade de ordenar fatos em sequência (COELHO, SODRÉ, 2019), o que não foi observado na avaliação de Deise. Entretanto, percebeu-se uma narrativa que, embora lógica, era pobre em criatividade. Dentre as características da deficiência intelectual estão dificuldades de linguagem e o pensamento abstrato (APA, 2014).

No momento que seria dedicado à associação livre, Deise demonstrou timidez e dificuldade de se expressar, falando mais em momentos de jogos e brincadeiras. Mesmo diante de perguntas, demonstrava respostas curtas ou semelhantes às de sua irmã, evidenciando que ainda é falada pelos adultos.

Após, deu-se o início das atividades com os grupos, um envolvendo Deise e outro

envolvendo a mãe e a irmã da criança, cujos relatos são descritos no quadro 1. Os encontros ocorreram semanalmente e tinham duração de uma hora.

Quadro 1. Resumo das atividades dos grupos

Encontro/ Objetivos	Resultados
<p>Encontro 1 com Deise/ Apresentação dos participantes, elaboração das regras do grupo e um momento de descontração.</p>	<p>As apresentações foram realizadas em conjunto com os integrantes de ambos os grupos. Durante a elaboração das regras, a participante se mostrou engajada e motivada. Elaborou-se um cartaz contendo as regras que foram criadas pelas terapeutas e a participante. A participante citou: “saber ouvir, não correr, não empurrar, não pode chorar sem motivos, não pode subir na mesa”. E, em conjunto com as coordenadoras do grupo, foram criadas as seguintes regras: “esperar a vez do outro para falar, respeitar os demais, cuidar dos materiais do grupo, responder as perguntas, participar das atividades.” Após a criação das regras, todos os participantes brincaram com o jogo <i>Twister</i>, que teve como principal objetivo, a interação de Deise com as coordenadoras, bem como a realização de um momento de descontração, estabelecimento de uma relação de confiança e segurança da participante com o grupo. No final do encontro, foi perguntado a participante Deise se ela havia gostado das atividades propostas ao grupo. Ela respondeu: “adorei, principalmente o jogo”. Em seguida, perguntamos o que ela gostaria que fosse trabalhado dentro do grupo. Deise respondeu que “gostaria de mais atividades com jogos”, tais como “desenhos para o outro adivinhar”.</p>
<p>Encontro 1 com familiares/ Apresentação dos participantes, investigação acerca das expectativas com relação ao grupo.</p>	<p>Os objetivos do projeto foram explicados à família. Após, a mãe Simone e a irmã Rebeca comentaram os principais aspectos do caso, repetindo alguns dados da anamnese, e explicaram um pouco da dinâmica familiar. O núcleo é constituído por pai e mãe, que trabalham o dia todo, Deise e a filha mais velha Rebeca, que divide seu tempo em cuidar da irmã e estudar para as provas de ingresso na universidade. Nos primeiros momentos de fala da família, foram explanados aspectos específicos do histórico médico de Deise e impressões delas relacionadas ao desenvolvimento dela. Nesse momento, mãe e filha ficaram bastante sensibilizadas, choraram e relataram não conseguir ver Deise se desenvolver ao ponto de ter uma “vida normal” quando adulta, pois tudo o que ela precisava passava pelo cuidado delas. Relataram também não ter apoio familiar algum e que apenas o núcleo familiar se envolve nos cuidados.</p> <p>A filha mais velha relatou já estar ciente e preparada para que ela seja responsável pela irmã no futuro, relatando, aparentemente sensibilizada, “não ter problema com isso”. Ao ser questionada sobre o que gostaria de cursar na faculdade, relatou estar em dúvida entre pedagogia e educação especial.</p> <p>Como última proposta do encontro desse dia, as acadêmicas solicitaram um desenho que retratasse a família e o que que esperavam que o grupo realizasse. As duas desenharam o pai, a mãe, a filha mais velha, a participante do projeto e o cachorro da família. Usaram expressões afetuosas a respeito dos familiares, reforçando que realizam todas as atividades em conjunto, e que todos trabalhavam em equipe. Sobre o que esperavam dos encontros, a mãe relatou esperar que o grupo sirva para instrumentalizar a família a auxiliar no desenvolvimento de Deise.</p>

<p>Encontro 2 com Deise/ Descrição de situações difíceis de comunicação. Explorar outras formas de comunicação além da fala por meio do jogo “Imagem e Ação”.</p>	<p>Quando questionada sobre as situações em que achava difícil se comunicar, Deise demonstrou-se ansiosa, mencionou a escola, mas não deu detalhes. Diante do desconforto da criança, as coordenadoras optaram por passar para próxima atividade e abordar o tema em outro momento. Durante o jogo “Imagem e Ação”, Deise mostrou-se bastante disposta, porém percebeu-se que as limitações na comunicação se estendem às expressões faciais e corporais, pois demonstrou dificuldade tanto para realizar mímica quanto para acertar as respostas. A participante questionou se poderia trazer um jogo da sua casa no próximo encontro, o que foi aceito pelas coordenadoras.</p>
<p>Encontro 2 com familiares/ Nesse encontro, foi programada a continuação da conversa do encontro passado.</p>	<p>Compareceram novamente mãe e filha mais velha. As duas já chegaram ao consultório com uma postura fechada, relatando que Deise apresentava crises de convulsão frente a novidades repentinas da vida e que, por causa do primeiro encontro do grupo, tinha convulsionado um dia depois. No decorrer do encontro, a mãe e a filha mais velha pareciam estar mais à vontade no ambiente. Assim, revelaram aspectos da “falta de jeito” do pai em estabelecer os cuidados necessários à participante do projeto. Foram relatadas histórias em que o pai aparentemente negligenciou o cuidado, causando acidentes, como mau uso das medicações e vários outros transtornos para as duas. Com isso, elas relataram se sentirem sozinhas ao oferecer todos os cuidados que a criança demandava, pois além desses cuidados, tinham que supervisionar o pai.</p>
<p>Encontro 3 com Deise/ Trabalho com a consciência fonológica, a independência, a expressão corporal e os sentimentos.</p>	<p>Nos minutos iniciais, a fonoaudióloga propôs uma atividade de consciência fonêmica, em que Deise deveria identificar os fonemas iniciais das palavras. Houve a necessidade de bastante auxílio, mas, à medida que acertava as tarefas, a criança se mostrava cada vez mais motivada. Em seguida, a fonoaudióloga participou do grupo da família e as demais coordenadoras propuseram uma atividade de consciência corporal com música. Quem sugeriu as músicas foi a participante. Esse momento foi de bastante descontração e as terapeutas perceberam que Deise sabia as letras e coreografias, demonstrando uma área em potencial para promover a aprendizagem. O tema independência também foi abordado. Perguntamos a ela se uma criança de sua idade pode ajudar nas atividades de casa. Em resposta, obtivemos “acho que sim.” Em seguida, várias atividades foram escritas no quadro, tais como lavar a louça; ajudar a fazer seu lanche; dar comida aos animais; etc. Então, as terapeutas perguntaram quais delas Deise já fazia. Ela respondeu: “dou comida para os animais; organizo minha mochila; escovo os dentes”.</p> <p>Falamos da importância de ela ser independente com relação às tarefas que pode realizar. Após essa atividade, ela sugeriu que fizéssemos “desenhos para o outro adivinhar”. Com a proposta estabelecida por Deise, as coordenadoras trabalharam as emoções. A participante demonstrou dificuldade em reconhecer as emoções demonstrando incerteza em vários momentos.</p>

<p>Encontro 3 com familiares/</p> <p>Com encontro anterior, o grupo de estudos percebeu que os familiares poderiam não estar se sentindo confortáveis com as questões pessoais trabalhadas. Com isso, planejou-se uma atividade mais educativa acerca da deficiência intelectual.</p>	<p>Foi exposto um vídeo sobre as dificuldades e potencialidades da deficiência intelectual e uma tabela baseada em Montessori, contendo as tarefas que as crianças podem realizar em casa conforme a idade.</p> <p>A mãe chegou ao encontro abalada, pois, na semana anterior, Deise tinha um trabalho de escola que envolvia a criação de uma maquete, a qual foi montada pela mãe e irmã, e, quando solicitado a Deise que escrevesse seu nome, a menina escreveu errado.</p> <p>A fonoaudióloga interveio, explicando alguns processos referentes à escrita e enfatizando a interferência do emocional, já que em outros momentos Deise escreveu seu nome e várias outras palavras sem dificuldade.</p> <p>Simone e Rebeca relataram já estarem cientes dos aspectos abordados pelo vídeo. Já sobre a tabela de atividades, trouxeram que Deise participava de várias atividades e afazeres da casa, contradizendo algumas falas relatadas nos dois encontros anteriores.</p> <p>A irmã também relatou a dificuldade da Deise em identificar e compreender as emoções, trazendo recortes da sua frustração ao perder em jogos e expressar sentimentos de forma coerente com o momento vivenciado, além de muitas vezes desprezar o cuidado e o trabalho dos outros. Trouxe também o fato de nunca ter pensado acerca da imagem de Deise como uma pré-adolescente e que se deu conta disso apenas através da fala de uma das acadêmicas no encontro inicial do projeto. Também foi indicado que a família procurasse auxílio de uma terapeuta ocupacional para auxiliar na atribuição das atividades de vida diária.</p>
<p>Encontro 4 com Deise e familiares/</p> <p>Último encontro realizado com todos os participantes, consistiu em um momento de integração e motivação para as férias e as atividades que seriam desempenhadas no semestre seguinte.</p>	<p>A família apresentou-se introvertida, mas todos participaram ativamente das atividades. Algumas integrantes do grupo fizeram uma breve fala acerca do potencial de desenvolvimento do grupo, e que, posteriormente, poderia haver mais integrantes. Foi enfatizado também o potencial de Deise de se tornar mais independente. Uma das estagiárias trouxe exemplos de pessoas que têm deficiência intelectual ou condições semelhantes e conseguem ter uma profissão, vivendo de forma autônoma. Foi nesse momento que o pai falou sobre ter lido a esse respeito, trazendo um exemplo e afirmando acreditar que a filha poderia se desenvolver. Notou-se nessa fala que o pai parecia querer dar autonomia a filha e a mãe e a irmã tinham insegurança frente à condição de Deise.</p> <p>Como atividade final, solicitou-se que a família desenhasse como seriam as férias em família, visando uma atividade integrativa e em equipe. Porém, apenas Deise foi realizar a atividade, solicitando a contribuição dos familiares. Deise começou o desenho pela irmã mais velha, a qual desempenha a maior parte dos cuidados com ela e, posteriormente, desenhou o restante da família. Em geral, pode-se observar que, na proporção do desenho, a irmã mais velha aparecia muito maior que o restante da família. Posteriormente, realizaram-se as combinações finais e as despedidas do grupo. O grupo seria retomado em março com mais participantes e a família afirmou que gostaria de conviver com “mais familiares com crianças com o mesmo problema de Deise”.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As apresentações realizadas no primeiro dia servem como uma espécie de “quebra gelo,” atividade que tem o objetivo de quebrar a tensão inicial e proporcionar um ambiente mais agradável e gerar confiança aos participantes. Também é importante que se estabeleçam regras em um grupo. Sobre isso, Bechelli e Santos (2005) ressaltam que uma das tarefas mais importantes nas primeiras sessões é a criação do ambiente terapêutico, assim como a cultura do grupo, estabelecendo de forma explícita e implícita as normas, os valores, as funções dos participantes e os objetivos. Assim, de forma gradual, os participantes passam a entender e definir o que pode e não pode ser feito no grupo.

A Ludoterapia, estratégia utilizada com Deise durante os encontros, apresenta-se como uma possibilidade para a criança expressar seus sentimentos e problemas por meio de brinquedos e brincadeiras. Esse método baseia-se na ideia de que o jogo é o meio natural de autoexpressão da criança, sendo essa a linguagem dela para se comunicar com o mundo (AXLINE, 1984).

Diante disso, o vínculo estabelecido entre a criança e a terapeuta é de extrema importância, segundo Kottman e Schaefer (1993), pois o objetivo é criar uma relação em que a criança se sinta segura e protegida e com isso possa externar suas emoções. No segundo dia do encontro do grupo com Deise, foram trabalhadas as questões da comunicação, momento em que ela demonstrou ansiedade. Diante do desconforto, foi proposto o jogo “imagem e ação”, que envolve mímica e desenho. Silva, Silva e Andrade (2014) afirmam que trabalhar a mímica como um instrumento de expressão corporal trará benefícios, assim como uma melhor ideia sobre o próprio corpo. Além disso, pode favorecer o desenvolvimento das inteligências: tanto corporal, intrapessoal, interpessoal e emocional, além de estimular a criatividade.

A respeito da dinâmica familiar, Simone e Rebeca demonstraram insegurança diante do futuro de Deise. É natural que pais de crianças com algum tipo de deficiência tenham medo do futuro de seus filhos, afinal os filhos não correspondem à idealização inicial. Por isso, nesse momento, os pais necessitam de apoio e de atenção, pois surgem muitas dúvidas ao longo dessa nova jornada. E é através dessa nova realidade, que muitas vezes, os pais vivenciam uma série de sentimentos, como: medo, raiva, desespero e conflitos internos, aos quais se sentem obrigados a modificar seus próprios caminhos (FERRARI, ZAHER, GONÇALVES, 2010).

Da mesma forma, Rebeca parece se sentir responsável pela irmã, exercendo a função materna nos momentos de ausência da mãe. Winnicott (2019) traz que a função materna, usualmente, é exercida pela mãe, mas pode ser exercida por um substituto no caso de sua ausência. No caso da participante, essa função é exercida pela irmã mais velha, enquanto a mãe se dedica às atividades profissionais. Na fala de Rebeca, nota-se a preocupação extrema relacionada aos cuidados da irmã, o que pode ser inferido até por sua escolha profissional. Ao ser questionada sobre o que gostaria de cursar na faculdade, Rebeca relatou estar em dúvida entre pedagogia e educação especial, o que pode estar relacionado às dificuldades que a irmã enfrenta em relação a aprendizagem.

O ambiente em que a criança vive com a família e/ou a comunidade gera apoio durante o seu crescimento, oferecendo a ela o que é necessário para os desafios do seu desenvolvimento, possibilitando que a criança se disponha com maior facilidade aos desafios que surgirão. As experiências no ambiente familiar possibilitam confiabilidade, segurança, socialização, afeto etc. Elas geram na criança um ambiente que responde a suas necessidades, ao seu amadurecimento e, com isso, à saúde mental da criança. Se esse ambiente falta, a ausência dessa segurança poderá ter efeitos sobre o desenvolvimento emocional e

acarretará danos à personalidade e ao caráter da mesma (WINNICOTT, 2019). Tanto a mãe quanto a irmã relataram negligência e inabilidade do pai ao lidar com a filha, fato que gera falta de confiança por parte delas e, conseqüentemente, da criança.

Sobre a atividade realizada com Deise a respeito da independência para as tarefas diárias, tem-se na literatura (VALENTINI, 2002) que a autopercepção de competência de atividades é uma variável psicológica que retrata o julgamento do indivíduo sobre as suas capacidades. Esse julgamento, principalmente na infância, se configura como um importante mediador para a busca de conquistas. Uma vez que o indivíduo experimenta o sucesso nas tentativas, ele se percebe mais competente e motivado a continuar a desempenhar as atividades, o que gera uma procura e engajamento para melhorar o seu desempenho. Esse processo pode fortalecer o desenvolvimento de outras importantes variáveis como: a autonomia, a autoconfiança e a autoestima. Outrossim, o sentimento de competência faz com que a criança reforce a sua motivação inerente e se envolva em atividades que lhes desafiem (VALENTINI, 2002).

Em um dos encontros, Deise sugeriu que fizéssemos desenhos para o outro adivinhar. Com a proposta estabelecida pela participante, as coordenadoras tiveram a ideia de trabalhar as emoções. Bechelli e Santos (2005) citam em seu artigo que o terapeuta com sua habilidade segue um método de terapia com espontaneidade, criatividade, tolerância, flexibilidade e competência, sempre ajustando as intervenções de acordo com a maturidade e as respostas do paciente, assim como do grupo como um todo. Neste sentido, na psicoterapia de grupo, o terapeuta busca facilitar a participação e interação dos membros, de modo que eles possam verbalizar livremente seus pensamentos e emoções, por isso a importância de haver um momento de descontração nos grupos.

Com relação à atividade das emoções, a participante demonstrou bastante dificuldade em reconhecê-las. Schwartz et al. (2016) ressaltam que os sentimentos são sensações corporais próprias dos seres humanos; porém, a nomeação desses sentimentos é algo aprendido e possui uma origem social. Ou seja, existe uma distinção entre sentir e nomear os sentimentos. Quando nos tornamos capazes de identificar nossas próprias emoções, cria-se a possibilidade de inferirmos o sentimento de outra pessoa frente à determinada situação, por isso a importância de trabalharmos as emoções com as crianças.

No terceiro e penúltimo encontro com a família, o grupo de estudos percebeu que os familiares poderiam não estar à vontade com as questões pessoais trabalhadas posteriormente pelo grupo. Com isso, planejou-se uma atividade mais educativa, trazendo-se a conscientização acerca das características da deficiência intelectual e sugestões de atividades que poderiam ser realizadas em casa.

Nesse encontro, a mãe relatou sua indignação por Deise não ter feito um trabalho da escola, sem sequer ter escrito seu nome. Segundo Dias (2005), a autonomia se constitui no princípio de educação moral e seria um campo de problematização de âmbito individual e coletivo, no qual o indivíduo preocupa-se com suas conseqüências e ações em que ele se situa.

A mãe e a irmã, ao realizarem as atividades no lugar de Deise, vão retirando esse processo de autonomia e a tornam dependente para realizar atividades básicas. Quando os pais não estimulam essa autonomia, fazendo tudo pelos filhos, eles podem gerar adultos inseguros e sem iniciativa (WINNICOTT, 2019). A irmã de Deise também relatou, nesse dia, o fato de nunca ter imaginado que sua irmã já era uma pré-adolescente e que somente se deu conta disso através da fala de uma das acadêmicas em um dos primeiros encontros. Essa fala reforça a percepção da família, que infantiliza a criança, dificultando sua independência.

No último dia do encontro, houve a participação de todos os integrantes da família, incluindo o pai. A possibilidade de se expressar sem censura e sem desaprovação favorece um ambiente favorável, de confiança, a qual surge tanto de si próprio quanto dos colegas do grupo. Isso gera uma integração entre os participantes, formando-se vínculos e processos de identificação (BECHELLI, SANTOS, 2005). Quando o pai traz sobre ter lido a respeito de pessoas com algum tipo de deficiência que trabalham e diz acreditar “que a filha poderia sim, se desenvolver” fica clara a sua vontade de dar autonomia para Deise.

Sobre a atividade de desenho proposta, observou-se que, na proporção do desenho, a irmã mais velha aparecia muito maior que o restante da família. Isso pode refletir a percepção de que a irmã mais velha desempenha o papel de “mãe”, já que detém as maiores responsabilidades. Um exemplo foi o relato de Rebeca em um dos encontros: “Deise só toma seus remédios se eu der”. Por fim, foram realizadas as combinações finais e as despedidas do grupo visando o período de férias.

Quanto à vivência das terapeutas, ficou evidente a dificuldade em trabalhar de maneira transdisciplinar, mesmo para as profissionais mais experientes. Havia uma tendência em separar as práticas da psicologia e da fonoaudiologia, o que era manejado e adequado durante os encontros de estudos. As estagiárias de psicologia puderam vivenciar a prática profissional de grupo terapêutico pautada nas atribuições da profissão em questão. A experiência contemplou a elaboração do planejamento das atividades e a identificação de demandas, a escolha de materiais a serem utilizados com a criança, a conduta das atividades propostas e o recebimento das considerações dos cuidadores e da equipe acerca do que foi executado.

O grupo seria retomado em março, mas isso não foi possível devido à pandemia da COVID-19, durante a qual os encontros presenciais foram suspensos e a faculdade decidiu suspender o andamento da pesquisa.

Diante disso, a fonoaudióloga passou a acompanhar a família semanalmente, por telefone ou presencialmente, durante dois meses, buscando verificar como a família estava e quais terapias Deise vinha frequentando. Alguns avanços foram observados, como a atribuição de mais responsabilidades para Deise e a contratação de uma terapeuta ocupacional, que passou a orientar na realização das atividades de vida diária.

Outra mudança importante foi o ingresso de Rebeca na faculdade de Educação Especial, o que fez com que a mãe mudasse seu escritório para casa a fim de acompanhar Deise. Rebeca demonstrou empolgação com essa nova etapa em que poderia voltar ao convívio social, focar no início de uma carreira e não mais ser a responsável pela maior parte dos cuidados com a irmã. O vínculo materno é extremamente importante para a formação psíquica da criança e a retomada desse contato será de grande valia para Deise, já que ela precisará dessa maternagem na fase da adolescência.

Seis meses após o término do grupo, diante do impedimento definitivo de dar continuidade ao projeto, realizou-se um questionário com Simone e Rebeca e uma reavaliação com Deise. No questionário, a mãe e a irmã afirmaram não perceber mudanças em Deise, mas relataram que ela gostava de participar dos grupos e que a terapeuta ocupacional, indicada no terceiro encontro, tem auxiliado no desenvolvimento da criança. Para elas, não houve mudança no ambiente familiar e nem na escola, devido ao pouco tempo de duração do grupo. Quando questionadas se as expectativas foram atendidas, afirmaram que não tinham expectativa alguma. Nos comentários finais, escreveram *“um grupo muito agradável, e todas as profissionais muito interessadas no caso da criança”*.

Na reavaliação de Deise, percebeu-se discreta melhora na fala com a pronúncia do fonema /r/ em algumas palavras. Na prova de consciência fonológica, também houve uma pequena evolução, já que conseguiu executar as tarefas de rima e aliteração sem auxílio, acertou todas as tarefas de manipulação e transposição silábica (na primeira avaliação havia acertado 50% em cada tarefa). Nas tarefas envolvendo consciência fonêmica, ainda não conseguiu êxito.

As mudanças positivas nas avaliações de Deise são mais bem atribuídas à terapia fonoaudiológica que já vinha frequentando do que ao grupo, já que o tempo foi reduzido e não houve grande ênfase nesses aspectos.

Também se solicitou que a participante desenhasse algo que representasse como se sentiu nos grupos ou o que mais gostou. Diante do desenho, percebeu-se que Deise desenhou o jogo *Twister*, realizado no primeiro dia do início dos grupos. A participante já havia relatado em outro momento ter sido o que mais gostou do grupo nesse dia. Foi um momento de muita descontração de todos e o jogo envolveu a interação de todos os participantes incluindo as terapeutas.

Em seguida, Deise desenhou um quadro, provavelmente o da sala de atendimento, utilizado no penúltimo encontro, em que as terapeutas realizaram desenhos de várias pessoas com diferentes sentimentos. Isso fica subentendido, pois, no quadro que Deise desenhou, existem duas meninas, uma sorrindo e a outra curvada e com os braços caídos, junto à palavra cansada. Esse desenho pode ser a reprodução daquele atendimento e a criança cansada pode ser pela situação que estamos vivenciando afastando Deise do convívio

vio da escola, assim como a interrupção do grupo, que era uma atividade agradável. Outra hipótese pode estar relacionada à dificuldade que apresentou naquela atividade específica, relacionada a reconhecer as emoções.

Iniciar um grupo terapêutico utilizando uma abordagem transdisciplinar foi um grande desafio. Mesmo assim, reforça-se a importância dos grupos terapêuticos à medida que propõem trocas de experiências, diálogos e uma melhoria na adaptação tanto individual quanto coletivamente.

A partir deste trabalho, sugere-se a criação de manuais com o passo a passo sobre os trâmites para realização de pesquisas nas faculdades e universidades, o que poderá auxiliar os pesquisadores iniciantes. Além disso, acredita-se que outras pesquisas sobre grupos transdisciplinares possam ser realizadas no atendimento a pessoas com deficiência e seus familiares, estratégia que promove reflexão e educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos descritos na introdução foram alcançados à medida que o percurso para a realização da pesquisa e os dados referentes ao grupo foram descritos de maneira detalhada. Os desafios iniciaram-se na própria instituição em que a pesquisa foi proposta, uma vez que as informações eram desconhecidas. A partir do envio à Plataforma Brasil, a aprovação da pesquisa ocorreu de maneira rápida. Houve pouco interesse por parte das alunas participantes, das escolas convidadas e de pacientes da clínica escola, o que pode refletir uma questão cultural em que a pesquisa é pouco valorizada.

Durante os grupos, apesar de a família apresentar-se um tanto na defensiva em alguns encontros, destacam-se a reflexão sobre os papéis desempenhados por cada membro, bem como a compreensão de que Deise já era quase uma adolescente. A busca pela terapia ocupacional também foi um fator extremamente positivo promovido pelo grupo.

A falta de outros participantes e o impedimento de continuar os atendimentos devido à pandemia da COVID-19 dificultaram a promoção de maiores mudanças tanto no desenvolvimento de Deise quanto na dinâmica familiar.

A melhora da criança nas avaliações de consciência fonológica e fala, mesmo com as dificuldades impostas pela deficiência intelectual e pela pandemia, que a impediu de ir à escola, reflete a importância das profissionais (fonoaudióloga e terapeuta ocupacional) que a acompanham semanalmente.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AXLINE, V.M (1984). **Ludoterapia: a dinâmica interior da infância**. Belo Horizonte: Interlivros.

BARBOSA, A.S.; BOERY, R.N.S.O. Entraves e potencialidades do funcionamento de Comitês de Ética em pesquisa (CEPs). **Revista Latinoamericana de Bioética**, v. 10, n. 2, p. 88 – 99. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-47022010000200008&lng=en. Acesso em: 03 de jun. de 2021.

BARDAGI, M.P.; BOFF, R.M. Autoconceito, auto-eficácia profissional e comportamento exploratório em universitários concludentes. **Avaliação (Campinas)**, v. 15, n. 1, p. 41-56, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141440772010000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 28 de Jul. 2020.

BATISTA, K.T.; ANDRADE, R.R.; BEZERRA, N.L. O papel dos comitês de ética em pesquisa. **Revista Brasileira de Cirurgia Plástica**, v. 27, n. 1, p. 150-155, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcp/a/ZZS4CNSWR6BLhZK4rgZRMKm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 de Jul. 2020.

BATISTA, S.M.; FRANÇA, R.M. Família de pessoas com deficiência: desafios e superação. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do ICPG**, v. 3, n. 10, p. 117-121, 2007.

BECHELLI, L.P.C.; SANTOS, M.A. O terapeuta na psicoterapia de grupo. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, v. 13, n. 2, p. 249-254, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000200018&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000200018>. Acesso em: 28 de Jul. 2020.

BRASIL. Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil. 2018. Disponível em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Acesso em: Jul. 2020.

CAPOVILLA, A.G.S.; CAPOVILLA, F.C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico. **Psicologia Reflexão e Crítica**, V. 13, n. 1, p. 7-24, 2000.

COELHO, C.L.M.; SODRÉ, C.Z. Raciocínio lógico, avaliação interativa e ludicidade no contexto da inclusão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, V. 14, n. 2, p. 470-484, 2019.

Descritores em Ciências da Saúde: DeCS. ed. 2021 rev. e ampl. São Paulo: BIREME / OPAS / OMS, 2021. Disponível em: <http://decs.bvsalud.org>. Acesso em 03 de jun. 2021.

DIAS, A. A. Educação moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 370-380, 2005 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722005000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em 05 de set. de 2020.

FERIOTTI, M.L. Equipe multiprofissional, transdisciplinaridade e saúde: desafios do nosso tempo. **Vínculo**, V. 6, n. 2, p. 179-190, 2009.

FERRARI, S.; ZAHER, V.L.; GONÇALVES, M.J. O nascimento de um bebê prematuro ou deficiente: questões de bioética na comunicação do diagnóstico. *Psicol. USP*, vol.21, no.4, p.781-808, 2010. ISSN 0103-6564.

KOHLSDORF, M.; COSTA JÚNIOR, A.L. O autorrelato na pesquisa em Psicologia da Saúde: desafios metodológicos. *Psicologia Argumento*, v.27, n.57, p.131-139, 2009. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=2781&dd99=pdf>>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.

KOTTMAN, T.; SCHAEFER, C. **Play Therapy in action: a casebook for practitioners. Northvale:** Jason Arosen. 1993.

MOREIRA, M.D. **A orientação fonoaudiológica a pais e a capacitação da linguagem de seus filhos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria.

MITTLER, Peter. Educação Inclusiva: Contextos Sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, v. 25, n.78, p. 297-306. 2008.

PAULA, M.L.; JORGE, M.S.B.; MORAIS, J.B. O processo de produção científica e as dificuldades para utilização de resultados de pesquisas pelos profissionais de saúde. *Interface (Botucatu)*, V. 23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/pZ8djC8vGSWbk-QzwmKr4ByH/abstract/?lang=pt>. Acesso em 29 de agosto de 2020.

PEREIRA, A.P.S. Práticas centradas na família em intervenção precoce: um estudo nacional sobre práticas profissionais. Tese de Doutorado, Universidade do Minho. 2009. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9808/1/tese.pdf>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

RABELO, A.T.V. et al. Alterações de fala em escolares na cidade de Belo Horizonte. *Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. v. 23, n.4, p. 344-350, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217964912011000400009&lng=en. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

SCHWARTZ, F. T; LOPES, G. P. and VERONEZ, L. F. A importância de nomear as emoções na infância: relato de experiência. *Psicol. Esc. Educ.* [online]. 2016, vol.20, n.3, pp.637-639. ISSN 2175-3539. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201502031019>.

SILVA, D.F.S.C; SILVA, E.P.; ANDRADE, F.S. Corpo em cena: mímica e sua relação com a corporeidade. *Psicologia.PT*, 2014. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0831.pdf>. Acesso em: Acesso em 03 de jun. de 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Disponível em: <https://www.ufsm.br/pro-reitorias/prpgp/cep/>. Acesso em: julho de 2020.

VALENTINI, N. C. Percepções de Competência e Desenvolvimento Motor de meninos e meninas: um estudo transversal. *Movimento*, v. 8, n. 2, p. 51-62, 2002.

WIETHAN, F. M. Aquisição do vocabulário e da fonologia do Português Brasileiro. 2015. 138 f. Tese (Doutorado em Distúrbios da Comunicação Humana) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

WIETHAN, F. M; SOUZA, A.P.R.; KLINGER, E.F. Abordagem terapêutica grupal com mães de crianças portadoras de distúrbios de linguagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. V. 15, n. 3, p. 442-451, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151680342010000300021&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S1516-80342010000300021>. Acesso em: 17 de agosto de 2020.

WINNICOTT, D. W. A criança e o seu mundo. Tradução de Álvaro Cabral. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.